

Ano VII, v.1 2026 | submissão: 05/05/2026 | aceito: 08/05/2026 | publicação: 11/05/2026

Cidade da China: o paraíso dos negócios e o inferno do trabalho

City of China: the paradise of business and the hell of work

China City: El paraíso de los negocios y el infierno del trabajo

Abel Cosme Buassa – Instituto Superior Universitário Nimi Ya Lukeni – INSPUNYL, buassa1991@gmail.com; ORCID <https://orcid.org/0009-0005-8616-5651>¹

Alcina Manuel Kombo – Instituto Superior Universitário Nimi Ya Lukeni, INSPUNYL alcina.kombo@inspunyl.ao.co; ORCID: <https://orcid.org/0009-0000-1524-5674>²

João Simba André – Faculdade de Economia da USP RP; joaosimba@gmail.com; <https://orcid.org/0009-0003-1810-6719>³

Resumo

Este estudo analisa a realidade dos trabalhadores da cidade de Luanda, na China, sob as perspectivas sociológicas, econômicas e antropológicas. A pesquisa buscou compreender as condições de trabalho enfrentadas por esses trabalhadores, os impactos das políticas de remuneração, as relações estabelecidas entre trabalhadores angolanos e empregadores chineses, bem como as estratégias de sobrevivência desenvolvidas diante do emprego precário e da insegurança social. Metodologicamente, a pesquisa foi conduzida em um paradigma qualitativo, com caráter exploratório e descritivo, utilizando o método do estudo de caso. Foram utilizadas entrevistas semiestruturadas, observação direta e notas de campo, envolvendo cerca de 73 trabalhadores angolanos em China City. Os resultados revelaram jornadas de trabalho excessivas, baixos salários, atrasos nos pagamentos, falta de alimentação e de condições de descanso adequadas, insegurança no trabalho e um forte desequilíbrio de poder nas relações entre trabalhadores e empregadores. Constatou-se também que muitos trabalhadores enfrentam dificuldades extremas de sobrevivência, incluindo limitações no acesso à alimentação, ao transporte e à vida familiar. A investigação concluiu que Chinatown representa um espaço profundamente contraditório, no qual o crescimento econômico, a circulação de capitais e a modernização comercial coexistem com a exploração laboral, a vulnerabilidade social e a fragilidade da dignidade humana. O estudo demonstra que o desenvolvimento econômico, dissociado da proteção social, tende a reproduzir desigualdades e formas contemporâneas de trabalho precário no contexto angolano.

Palavras-chave: trabalho precário; trabalhadores angolanos; exploração laboral; desigualdade social

Abstract

This study analyzes the realities of workers in China City, Luanda, from sociological, economic, and anthropological perspectives. The research sought to understand the working conditions these workers faced, the impacts of remuneration policies, the relationships between Angolan workers

¹ Doutorando em Educação, com foco em Atenção à Diversidade e em Educação Inclusiva. Mestre em Recursos Humanos e Gestão do Conhecimento. Licenciado em Ciências da Educação, no curso de Pedagogia, com opção em Gestão Escolar; Pós-Graduado em Logística Empresarial e Gestão da Produção. Docente e Chefe de Secção do Departamento de Ensino e Investigação em Gestão Financeira e Contabilidade do INSPUNYL. Soyo, província do Zaire, Angola.

² Mestre em Gestão de Direção Estratégica. Especialidade: Direção Estratégica. Licenciado em Engenharia de Petróleo, Especialidade: Pesquisa e Produção, Chefe do Departamento dos Assuntos Académicos do INSPUNYL Soyo, província do Zaire, Angola.

³ Licenciado em Administração de Empresas pelo Instituto Adventista Paranaense. Mestre em Contabilidade, com especialização em Controladoria, pela Universidade Estadual de Maringá. Pós-graduado em Gestão Pública pela Universidade Estadual de Ponta Grossa.

and Chinese employers, and the survival strategies developed in the face of precarious employment and social insecurity. Methodologically, the research was conducted within a qualitative paradigm, adopting an exploratory and descriptive approach and employing a case study design. Semi-structured interviews, direct observation, and field notes were used, involving approximately 73 Angolan workers from China City. The results revealed excessive working hours, low wages, payment delays, inadequate food and rest conditions, job insecurity, and a strong power imbalance in the relationship between workers and employers. Many workers also face extreme survival difficulties, including limited access to food, transportation, and family life. The investigation concluded that Chinatown represents a profoundly contradictory space, in which economic growth, capital circulation, and commercial modernization coexist with labor exploitation, social vulnerability, and the fragility of human dignity. The study demonstrates that economic development, when decoupled from social protection, tends to reproduce inequalities and contemporary forms of precarious work in the Angolan context.

Keywords: precarious work; Angolan workers; labor exploitation; social inequality

1. Introdução

A intensificação das relações económicas entre Angola e China, particularmente após o fim da guerra civil em 2002, transformou significativamente a dinâmica comercial, urbana e laboral do país. Beneficiando-se da abundância petrolífera e mineral angolana, a China consolidou-se como um dos principais parceiros económicos de Angola, investindo fortemente em infraestruturas, construção civil e comércio (ALDEN, 2007; CORKIN, 2013). Nesse contexto, a denominada Cidade da China, localizada em Luanda, tornou-se um dos espaços mais emblemáticos da presença económica chinesa em Angola, simbolizando simultaneamente o crescimento comercial, a circulação de mercadorias e a expansão das oportunidades de emprego. Contudo, por trás da imagem de progresso económico, emergem realidades marcadas pela precarização laboral, baixos salários, insegurança contratual e vulnerabilidade social dos trabalhadores angolanos.

Embora Angola seja reconhecida internacionalmente como um dos países africanos mais ricos em recursos minerais e petrolíferos, os benefícios resultantes desse crescimento económico não têm sido distribuídos de forma equilibrada entre a população. Segundo HARVEY (2005), os processos contemporâneos de globalização económica tendem a produzir formas desiguais de desenvolvimento, sobretudo em economias periféricas dependentes da exportação de matérias-primas. Nesse cenário, o crescimento económico frequentemente convive com desemprego, informalidade laboral e exclusão social. Na China, essa contradição manifesta-se de forma evidente, na medida em que o dinamismo comercial e a expansão dos negócios coexistem com relatos recorrentes de jornadas de trabalho excessivas, ausência de proteção social, atrasos salariais e fragilidade das relações laborais.

Ano VII, v.1 2026 | **submissão: 05/05/2026** | **aceito: 08/05/2026** | **publicação: 11/05/2026**

Do ponto de vista sociológico, MARX (2013) argumenta que, no sistema capitalista, o trabalho tende a ser subordinado à lógica da acumulação do capital, o que transforma a força de trabalho em mercadoria e aprofunda as relações de exploração e desigualdade. Essa problemática ganha maior profundidade nos estudos desenvolvidos por Buassa (2024), especialmente no artigo “*Bendito meu salário atrasado: um olhar crítico às políticas de remuneração das empresas chinesas em Angola*”, no qual o autor demonstra que o atraso salarial e a instabilidade remuneratória passaram a constituir práticas recorrentes em determinados contextos empresariais sino-angolanos, produzindo impactos económicos, psicológicos e sociais sobre os trabalhadores. Segundo BUASSA (2024), a precarização salarial não apenas compromete a estabilidade económica dos indivíduos, mas também reforça relações de dependência e de sobrevivência laboral.

Para além das dimensões económicas e sociológicas, a realidade da Cidade da China exige igualmente uma abordagem antropológica centrada nas experiências quotidianas dos trabalhadores. GEERTZ (1989) defende que os fenómenos sociais devem ser compreendidos a partir dos significados construídos pelos próprios sujeitos sociais. Dessa forma, a Cidade da China não representa apenas um espaço comercial, mas também um território de sobrevivência, adaptação cultural, tensões sociais e resistência quotidiana. As relações estabelecidas entre trabalhadores angolanos e empregadores estrangeiros revelam dinâmicas complexas de poder, comunicação e desigualdade, refletindo o que MBEMBE (2014) denomina permanências pós-coloniais nas sociedades africanas contemporâneas.

É nesse contexto que o presente estudo, intitulado “*Cidade da China: O Paraíso dos Negócios e o Inferno do Trabalho*”, tem como objectivo geral analisar a realidade dos trabalhadores da Cidade da China, em Luanda, a partir de uma abordagem sociológica, económica e antropológica e, especificamente: i) compreender as condições laborais enfrentadas pelos trabalhadores; ii) analisar os impactos das políticas de remuneração na vida social e económica dos trabalhadores; iii) examinar as relações existentes entre trabalhadores angolanos e empregadores chineses; iv) identificar as estratégias de sobrevivência desenvolvidas diante das condições de precarização laboral e insegurança social; e, por fim, v) interpretar as percepções dos trabalhadores sobre trabalho, dignidade, exploração e oportunidades económicas no contexto da Cidade da China.

2. Marco Teórico

2.1 Trabalho, capital e dominação social: da exploração económica à naturalização da precariedade

A compreensão da realidade dos trabalhadores da Cidade da China, em Luanda, exige uma análise crítica do trabalho enquanto relação social estruturada por desigualdades económicas e por mecanismos de dominação. Karl Marx constitui um dos principais referenciais para compreender essa problemática ao defender que o capitalismo transforma a força de trabalho em mercadoria subordinada à lógica da acumulação do capital. Para MARX (2013), o lucro resulta da apropriação da mais-valia produzida pelo trabalhador, o que gera relações marcadas pela exploração e pela alienação. Segundo o autor, “o trabalhador torna-se tanto mais pobre quanto mais riqueza produz” (MARX, 2013, p. 82). Essa formulação ajuda a compreender a contradição observada na China, em que o crescimento do comércio e da circulação de mercadorias não se traduz necessariamente em melhoria das condições de vida dos trabalhadores.

Entretanto, reduzir a análise apenas à dimensão económica da exploração seria insuficiente para compreender a complexidade das relações laborais contemporâneas. Max WEBER (1999) argumenta que a dominação moderna também se organiza por meio da racionalização burocrática e disciplinar das organizações. Nesse sentido, o trabalhador não é controlado apenas pela dependência salarial, mas também pelos mecanismos institucionais de vigilância, hierarquia e disciplina do trabalho. A Cidade da China pode, assim, ser interpretada como um espaço em que as relações laborais são reguladas por formas de controlo que tornam a obediência aparentemente racional e necessária à manutenção do emprego.

Pierre BOURDIEU (2001) aprofunda essa discussão ao demonstrar que as desigualdades sociais não se reproduzem apenas materialmente, mas também simbolicamente. O autor argumenta que determinadas formas de dominação tornam-se socialmente naturalizadas por meio do habitus, levando os próprios indivíduos a aceitar condições precárias como parte normal da sua existência social. Essa perspectiva permite compreender por que muitos trabalhadores da China permanecem submetidos a relações laborais instáveis, sem capacidade efectiva de contestação, sobretudo num contexto marcado pelo desemprego e pela vulnerabilidade económica.

Sobre a problemática da precarização laboral em Angola, BUASSA (2024) demonstra que o atraso salarial e a instabilidade remuneratória passaram a constituir práticas recorrentes em determinados contextos empresariais sino-angolanos, produzindo impactos económicos e psicológicos nos trabalhadores. De forma semelhante, ALVES DA ROCHA (2023) argumenta que o crescimento

Ano VII, v.1 2026 | submissão: 05/05/2026 | aceite: 08/05/2026 | publicação: 11/05/2026

económico angolano não foi acompanhado pela consolidação de um mercado de trabalho estável, o que favoreceu a expansão de relações laborais marcadas pela informalidade, pela fragilidade salarial e pela baixa protecção social.

A articulação entre Marx, Weber, Bourdieu e os autores angolanos contemporâneos permite compreender que a precarização do trabalho na Cidade da China não resulta apenas de dificuldades económicas isoladas, mas de uma estrutura social marcada pela exploração do trabalho, pela racionalização disciplinar e pela naturalização simbólica da desigualdade. Assim, a Cidade da China representa um espaço em que o crescimento económico, a circulação de capital e a vulnerabilidade laboral coexistem de forma profundamente contraditória.

2.2 Globalização, dependência e capital estrangeiro em Angola

A expansão económica chinesa em Angola deve ser compreendida no contexto mais amplo da globalização e da dependência económica das economias periféricas. David Harvey (2005) argumenta que o capitalismo contemporâneo expande-se por meio da circulação global do capital e da busca constante por novos mercados, matérias-primas e mão de obra vulnerável. Nesse processo, o crescimento económico tende a beneficiar grupos específicos, enquanto amplos setores da população permanecem socialmente excluídos. A cidade da China constitui uma expressão concreta dessa dinâmica, na medida em que simboliza simultaneamente a modernização comercial e a precarização laboral.

A teoria da dependência, desenvolvida por autores como SAMIR AMIN (1977) e THEOTONIO DOS SANTOS (2000), reforça essa análise ao sustentar que as economias periféricas exportadoras de recursos naturais permanecem subordinadas aos interesses do capital internacional. No caso angolano, a forte dependência do petróleo, dos minerais e do investimento estrangeiro contribuiu para a consolidação de um modelo económico marcado pela concentração de riqueza e pela fragilidade do mercado de trabalho.

Essa realidade foi igualmente discutida por ALVES DA ROCHA (2024), que afirmou que o crescimento económico angolano permaneceu excessivamente dependente das receitas petrolíferas e do capital externo, o que limitou a diversificação económica e a estabilidade social. De forma semelhante, ROSADO DE CARVALHO (2023) observa que a presença chinesa em Angola produziu crescimento infraestrutural e comercial, mas não eliminou os problemas estruturais ligados ao desemprego, à informalidade e à desigualdade social.

Dessa forma, a Cidade da China pode ser interpretada como um espaço em que as contradições da globalização se tornam visíveis: enquanto o capital circula, os negócios se expandem e o comércio

Ano VII, v.1 2026 | **submissão: 05/05/2026** | **aceito: 08/05/2026** | **publicação: 11/05/2026**

cresce, muitos trabalhadores continuam submetidos a relações laborais marcadas pela insegurança econômica e pela vulnerabilidade social.

2.3 Precarização laboral, remuneração e sobrevivência econômica

As transformações do mercado de trabalho contemporâneo têm sido marcadas pela expansão de formas de emprego instáveis, inseguras e socialmente vulneráveis. STANDING (2014) denomina esse fenômeno de “preariado”, caracterizando uma classe de trabalhadores submetida à instabilidade salarial, à ausência de proteção social e à insegurança permanente. Para CASTEL (1998), a fragilidade das relações laborais produz processos de desfiliação social, nos quais o trabalho deixa de garantir estabilidade econômica e integração social.

Essa realidade manifesta-se de forma evidente na China, onde muitos trabalhadores enfrentam baixos salários, atrasos no pagamento e ausência de garantias laborais. BUASSA (2024), ao analisar as políticas de remuneração das empresas chinesas em Angola, argumenta que o atraso salarial passou a integrar a própria normalidade das relações de trabalho, obrigando os trabalhadores a desenvolver estratégias constantes de adaptação e de sobrevivência econômica. O autor demonstra que a precarização salarial não afeta apenas o rendimento, mas também a dignidade, a estabilidade familiar e a segurança social dos trabalhadores.

De forma semelhante, KAJIBANGA (2023) observa que o mercado de trabalho angolano continua marcado pela informalidade, pela fragilidade contratual e pela proteção social limitada, sobretudo nos setores comerciais urbanos. Segundo o autor, a vulnerabilidade econômica dos trabalhadores reduz significativamente a capacidade de reivindicação laboral, favorecendo a reprodução de relações de trabalho desiguais.

A articulação entre Standing, Castel, Buassa e Kajibanga permite compreender que a precarização laboral na Cidade da China ultrapassa a dimensão econômica e assume igualmente dimensões sociais e humanas. O trabalho deixa de representar estabilidade e mobilidade social, transformando-se frequentemente numa experiência marcada pela insegurança, pela sobrevivência e pela dependência econômica.

2.4 Quotidiano, cultura laboral e estratégias de sobrevivência

A compreensão da realidade dos trabalhadores da China exige igualmente uma leitura antropológica centrada nas experiências cotidianas dos sujeitos sociais. Clifford GEERTZ (1989) defende que os fenômenos sociais devem ser interpretados a partir dos significados construídos pelos próprios

Ano VII, v.1 2026 | **submissão: 05/05/2026** | **aceito: 08/05/2026** | **publicação: 11/05/2026**

indivíduos no contexto de suas práticas diárias. Nessa perspectiva, o trabalho não se limita a uma atividade econômica, mas também constitui um espaço de produção de sentidos, de adaptação social e de construção de identidades.

No contexto da China, muitos trabalhadores desenvolvem estratégias de sobrevivência diante da instabilidade laboral e da insegurança econômica. JAMES SCOTT (1985) argumenta que grupos socialmente vulneráveis tendem a criar formas silenciosas de resistência cotidiana, manifestadas por meio de adaptações, negociações e pequenos mecanismos de sobrevivência. Assim, a permanência dos trabalhadores em condições precárias não deve ser interpretada apenas como submissão, mas também como resultado das limitações impostas pela necessidade econômica e pela ausência de alternativas de emprego.

A dimensão cultural das relações laborais também se manifesta nas interações entre trabalhadores angolanos e empregadores estrangeiros. MBEMBE (2014) observa que muitos contextos africanos contemporâneos continuam atravessados por formas renovadas de desigualdade e dependência pós-coloniais, nas quais o poder econômico influencia as relações sociais e simbólicas. Na China, essas relações revelam tensões ligadas à hierarquia laboral, à comunicação, às diferenças culturais e à desigualdade econômica.

De forma semelhante, COHEN (2023) argumenta que o cotidiano urbano angolano tem sido marcado pela expansão de práticas de sobrevivência econômica associadas à informalidade, à instabilidade salarial e à fragilidade das condições de vida. Assim, a Cidade da China pode ser compreendida como um espaço onde trabalho, sobrevivência e resistência quotidiana se articulam permanentemente, revelando as contradições sociais do atual modelo econômico angolano.

3. Material e Método

A presente investigação inseriu-se no paradigma qualitativo, assumindo natureza exploratória e descritiva, com uma abordagem interdisciplinar sociológica, econômica e antropológica. A opção pela pesquisa qualitativa justificou-se pela necessidade de compreender as experiências, percepções e práticas sociais dos trabalhadores da Cidade da China no contexto de suas relações laborais e de suas condições de sobrevivência (MINAYO, 2014). O caráter exploratório decorreu da limitada produção científica sobre a realidade dos trabalhadores daquele espaço comercial, enquanto a dimensão descritiva permitiu identificar e interpretar as condições laborais, econômicas e sociais vivenciadas por esses trabalhadores (GIL, 2008). Do ponto de vista analítico, a investigação articulou a perspectiva sociológica, centrada nas relações de poder e na precarização do trabalho; a abordagem econômica, focada nas políticas de remuneração e nos impactos salariais; e a perspectiva

Ano VII, v.1 2026 | submissão: 05/05/2026 | aceito: 08/05/2026 | publicação: 11/05/2026

antropológica, orientada para as experiências quotidianas e as estratégias de sobrevivência dos trabalhadores.

A investigação adoptou o método de estudo de caso, tendo como foco empírico a Cidade da China em Luanda. A escolha deste método justificou-se pela possibilidade de analisar, de forma aprofundada e contextualizada, as dinâmicas sociais, económicas e laborais presentes naquele espaço específico (YIN, 2015). Além disso, a Cidade da China constituiu um campo relevante para compreender as contradições entre o crescimento económico, a presença do capital chinês e a precarização do trabalho em Angola (STAKE, 1995).

A pesquisa utilizou entrevistas semiestruturadas, observação directa e diário de campo. As entrevistas permitiram compreender as condições de trabalho, as políticas de remuneração, as relações laborais e as estratégias de sobrevivência dos trabalhadores da Cidade da China (BOGDAN & BIKLEN, 1994). A observação directa possibilitou analisar as dinâmicas do ambiente laboral e as interações sociais no quotidiano (GEERTZ, 1989), enquanto o diário de campo serviu para registar impressões, comportamentos e situações relevantes observadas durante a investigação (MINAYO, 2014).

A investigação envolveu exclusivamente trabalhadores angolanos da Cidade da China, em Luanda. Foram realizadas aproximadamente 73 entrevistas, seleccionadas intencionalmente, tendo em conta a experiência e o envolvimento dos participantes na realidade laboral investigada.

4. Resultados

A presente secção apresenta os principais resultados obtidos durante o trabalho de campo realizado na Cidade da China, em Luanda. Os dados foram organizados com base nas categorias de análise definidas no estudo, considerando as experiências, percepções e vivências relatadas pelos trabalhadores entrevistados.

4.1 Condições de Trabalho e Precarização Laboral

Os relatos recolhidos durante o trabalho de campo revelaram condições laborais marcadas por jornadas excessivas, ausência de descanso adequado, insuficiência salarial e precariedade estrutural do ambiente de trabalho. Muitos entrevistados associaram o trabalho na Cidade da China a uma experiência de desgaste físico e psicológico contínuo. Um dos trabalhadores entrevistados, operador de armazém há aproximadamente quatro anos, afirmou que “aqui nós não trabalhamos como pessoas, trabalhamos como máquinas. Entramos de manhã e saímos já de noite. Às vezes nem tempo para

Ano VII, v.1 2026 | submissão: 05/05/2026 | aceito: 08/05/2026 | publicação: 11/05/2026

comer temos”. A fala evidencia não apenas a intensificação do ritmo de trabalho, mas também a percepção de desumanização associada à atividade laboral naquele espaço comercial.

Os depoimentos demonstraram igualmente que as jornadas de trabalho frequentemente ultrapassavam os limites legalmente estabelecidos, sem compensação salarial correspondente ou períodos adequados de descanso. Outro entrevistado afirmou que “o problema não é só o salário baixo. É o sofrimento todo. Trabalhamos muito, não descansamos e, no fim, o dinheiro não chega nem para voltar para casa”. A insuficiência salarial apareceu de forma recorrente nas entrevistas, associada às dificuldades de transporte, de alimentação e de manutenção das relações familiares. Alguns trabalhadores relataram permanecer vários dias sem regressar às suas residências devido à distância entre o local de trabalho e as suas casas, agravada pela incapacidade financeira de suportar os custos diários de deslocação.

Nesse sentido, um dos entrevistados declarou que “tem colega que passa duas semanas sem ir para casa porque mora longe e o dinheiro do táxi não chega. Alguns dormem mesmo aqui no armazém”. Outro trabalhador acrescentou que “quando o salário atrasa, a pessoa fica presa aqui. Não consegue nem ver a família. Trabalhar vira castigo”. As falas revelam que a precarização laboral ultrapassa a dimensão econômica e interfere diretamente nas relações familiares, na mobilidade dos trabalhadores e nas suas condições mínimas de dignidade humana.

As observações realizadas durante o trabalho de campo permitiram ainda identificar a ausência de condições adequadas de alimentação, descanso e segurança laboral. Em vários casos, os entrevistados afirmaram trabalhar longas horas sem qualquer apoio alimentar por parte dos empregadores. Um trabalhador afirmou: “Tem dia que trabalho com fome até fechar. Se não trouxer comida de casa, ninguém quer saber. Além disso, surgiram relatos particularmente graves de trabalhadores que dormiam em espaços improvisados ou mesmo ao relento devido às dificuldades econômicas enfrentadas.

Um jovem entrevistado declarou que “já dormi duas vezes na rua porque não tinha dinheiro para transporte. Trabalhei o mês todo e, mesmo assim, não consegui resolver minha vida”. Esses depoimentos demonstram que o trabalho na Cidade da China está profundamente associado à vulnerabilidade social, à insegurança econômica e à luta cotidiana pela sobrevivência. Assim, a permanência dos trabalhadores naquele espaço parece resultar menos de oportunidades efetivas de ascensão social e mais da ausência de alternativas de emprego e de rendimento no contexto econômico angolano contemporâneo.

4.2 Salário, atraso remuneratório e sobrevivência económica

Os relatos recolhidos durante a investigação demonstraram que a questão salarial constitui uma das principais fontes de sofrimento e instabilidade entre os trabalhadores da Cidade da China. A maioria dos entrevistados afirmou receber salários insuficientes para cobrir alimentação, transporte, habitação e apoio familiar, situação agravada pelos frequentes atrasos no pagamento. Em vários depoimentos, o salário apareceu não como instrumento de estabilidade económica, mas como mecanismo permanente de sobrevivência precária.

Um dos entrevistados afirmou que “o salário aqui não dá para viver, dá só para continuar sofrendo”. Outro trabalhador declarou que “quando recebemos, já estamos devendo tudo. O dinheiro entra e sai no mesmo dia”. As falas revelam que a remuneração recebida pelos trabalhadores não assegura condições mínimas de reprodução social, o que obriga muitos deles a recorrer a empréstimos, à ajuda familiar ou a estratégias informais de sobrevivência. Os atrasos salariais surgiram como um fenómeno recorrente nas entrevistas realizadas.

Muitos trabalhadores relataram permanecer semanas ou meses sem receber salários, vivendo em situação constante de insegurança económica. Um entrevistado declarou que “às vezes ficamos dois meses sem salário e, mesmo assim, temos que continuar trabalhando porque, se reclamar, mandam embora”. Outro afirmou que “o patrão sabe que precisamos do trabalho, então a pessoa aguenta tudo porque tem medo do desemprego”.

As dificuldades económicas provocadas pela instabilidade salarial afectavam directamente a alimentação, o transporte e as relações familiares dos trabalhadores. Um dos participantes relatou que “tem dia que saio de casa sem comer e volto sem dinheiro para comprar pão”. Outro entrevistado afirmou que “o mais difícil é olhar para os filhos e não conseguir levar nada para casa depois de trabalhar o mês inteiro”. As entrevistas demonstraram que o salário insuficiente e irregular produz não apenas precariedade material, mas também sentimentos de humilhação, impotência e desgaste psicológico.

Alguns trabalhadores relataram igualmente situações extremas de sobrevivência associadas à incapacidade de suportar os custos básicos de deslocação e de habitação. Um entrevistado declarou que “já dormi no mercado porque não tinha dinheiro para voltar para casa”. Outro afirmou que “tem colegas que vivem praticamente aqui porque o salário não lhes permite viajar todos os dias”. Esses relatos revelam que a precarização salarial ultrapassa a esfera económica e interfere profundamente na dignidade, na estabilidade emocional e na vida familiar dos trabalhadores.

4.3 Relações laborais, medo e silenciamento dos trabalhadores

As entrevistas realizadas demonstraram que as relações laborais na Cidade da China são marcadas por forte assimetria de poder entre trabalhadores e empregadores, o que produz ambientes caracterizados pelo medo, pelo silêncio e pela insegurança permanente. Muitos entrevistados afirmaram sentir receio de reclamar das condições de trabalho por temor ao despedimento imediato, sobretudo devido ao elevado desemprego e à dificuldade em obter novas oportunidades de emprego em Luanda.

Um dos trabalhadores afirmou que “aqui ninguém fala muito porque qualquer reclamação pode significar perder o emprego”. Outro entrevistado declarou que “o patrão sabe que estamos necessitados, então a pessoa aceita tudo para não ficar na rua”. As falas revelam que o medo do desemprego funciona como um mecanismo de controlo laboral, reduzindo significativamente a capacidade de reivindicação dos trabalhadores.

Os relatos apontaram igualmente para situações frequentes de humilhação, tratamento autoritário e pressão psicológica no ambiente de trabalho. Um entrevistado afirmou que “às vezes somos tratados como se não tivéssemos valor”. Outro declarou que “o trabalhador aqui só serve quando está a produzir; quando adocece ou reclama, já vira problema”. Esses depoimentos demonstram que a relação laboral ultrapassa a dimensão económica e assume igualmente formas simbólicas de desvalorização humana.

As entrevistas revelaram, ainda, percepções de desigualdade no tratamento entre trabalhadores angolanos e estrangeiros. Alguns participantes afirmaram que os trabalhadores nacionais recebem salários mais baixos, enfrentam maior pressão laboral e têm menos oportunidades de diálogo com os empregadores. Um trabalhador declarou que “o angolano trabalha mais e fala menos porque sabe que pode ser facilmente substituído”. Outro afirmou que “muitos patrões nem querem ouvir os trabalhadores, só querem resultado”.

Apesar do ambiente de medo e vulnerabilidade, alguns trabalhadores relataram a existência de pequenas formas de solidariedade entre colegas, sobretudo através da partilha de comida, dinheiro para transporte e apoio emocional. Um entrevistado afirmou que “às vezes quem salva o trabalhador é o próprio colega”. Essas práticas revelam formas silenciosas de resistência e de sobrevivência colectiva diante das dificuldades impostas pelo ambiente laboral.

5. Discussão dos resultados

Os resultados obtidos durante a investigação demonstraram que a realidade laboral da Cidade da China, em Luanda, é marcada por profundas contradições entre o crescimento económico, a circulação de capital e a precarização das condições de vida dos trabalhadores. As evidências recolhidas revelaram jornadas laborais excessivas, insuficiência salarial, atrasos remuneratórios, ausência de condições adequadas de alimentação e de descanso, medo do desemprego e fragilidade das relações laborais, confirmando que a expansão comercial naquele espaço não corresponde necessariamente à melhoria das condições sociais dos indivíduos que sustentam a dinâmica económica local.

As condições de trabalho identificadas aproximam-se das análises clássicas de MARX (2013), para quem o capitalismo organiza-se por meio da apropriação da força de trabalho e da subordinação do trabalhador à lógica da acumulação do capital. Os depoimentos dos entrevistados demonstraram que muitos trabalhadores se percebem como instrumentos de produção descartáveis, submetidos a longas jornadas de trabalho e a baixos salários, sem garantia efectiva de dignidade social. A afirmação de um entrevistado de que “aqui nós não trabalhamos como pessoas, trabalhamos como máquinas” evidencia precisamente aquilo que Marx descreve como alienação do trabalhador em relação à sua própria condição humana. A produção económica aparece dissociada do bem-estar social, o que revela que o crescimento dos negócios não implica necessariamente a valorização do trabalho humano.

Entretanto, os resultados da pesquisa demonstraram que a exploração laboral observada na Cidade da China não se limita à dimensão económica, mas também se exerce por meio de mecanismos organizacionais de disciplina, medo e controlo simbólico. Nesse aspecto, os dados aproximam-se das reflexões de WEBER (1999), ao evidenciar que as relações laborais modernas operam igualmente por meio da racionalização disciplinar das organizações. O medo constante do despedimento, presente em várias entrevistas, revelou-se um importante mecanismo de controlo social sobre os trabalhadores. A impossibilidade prática de apresentar reclamações e a aceitação de condições laborais degradantes demonstraram que a dependência económica produz formas silenciosas de submissão laboral, tornando a obediência funcional à manutenção do emprego.

A investigação demonstrou igualmente que a precarização do trabalho na Cidade da China ultrapassa a esfera laboral e interfere directamente na vida familiar, emocional e social dos trabalhadores. Os relatos de trabalhadores que permaneciam semanas sem visitar as famílias, dormiam em armazéns ou mesmo ao relento, por falta de condições financeiras, revelam níveis extremos de vulnerabilidade social. Esses resultados dialogam criticamente com BOURDIEU (2001), para

Ano VII, v.1 2026 | submissão: 05/05/2026 | aceite: 08/05/2026 | publicação: 11/05/2026

quem a dominação social tende a ser naturalizada por meio do poder simbólico. Muitos trabalhadores passaram a encarar o sofrimento laboral, o atraso salarial e a instabilidade económica como elementos normais da vida profissional, internalizando formas de precarização que reduzem a capacidade de contestação social.

Os resultados relativos ao atraso salarial e à insuficiência remuneratória reforçam igualmente as análises desenvolvidas por BUASSA (2024) sobre as políticas de remuneração nas empresas chinesas em Angola. Tal como observado pelo autor, os depoimentos recolhidos demonstraram que o salário deixou de representar estabilidade económica e passou a assumir uma lógica de sobrevivência precária. A expressão utilizada por um dos entrevistados, “o salário aqui não dá para viver, dá só para continuar sofrendo”, sintetiza de forma particularmente forte a transformação do trabalho em um mecanismo de sobrevivência instável e emocionalmente desgastante. O atraso salarial, longe de constituir um fenómeno excepcional, revelou-se uma prática recorrente e socialmente normalizada naquele contexto laboral.

A pesquisa confirmou, ainda, as reflexões de STANDING (2014) sobre a emergência do “precariado” nas economias contemporâneas. Os trabalhadores da China apresentam características típicas desse grupo social: instabilidade laboral, insegurança económica, ausência de protecção social e incapacidade de planeamento do futuro. Muitos entrevistados afirmaram viver permanentemente endividados, incapazes de garantir alimentação regular, transporte ou estabilidade familiar. O trabalho deixou de funcionar como mecanismo de mobilidade social e passou a ser apenas uma estratégia de sobrevivência imediata.

Do ponto de vista macroestrutural, os resultados também corroboram as análises da teoria da dependência, particularmente as de AMIN (1977) e SANTOS (2000). Embora Angola possua vastos recursos minerais e petrolíferos, a riqueza económica produzida pelo capital internacional não tem sido distribuída de forma proporcional à população trabalhadora. A Cidade da China constitui, nesse sentido, uma expressão concreta das contradições do modelo económico angolano contemporâneo: um espaço marcado simultaneamente pela modernização comercial e pela reprodução da desigualdade social. O crescimento económico associado ao capital estrangeiro não eliminou a precarização laboral, mas, em muitos casos, contribuiu para aprofundar as relações de dependência e de vulnerabilidade social.

As entrevistas revelaram igualmente tensões simbólicas e culturais nas relações entre trabalhadores angolanos e empregadores estrangeiros, aspecto que aproxima os resultados das reflexões de MBEMBE (2014) sobre as permanências pós-coloniais nas sociedades africanas contemporâneas. Muitos trabalhadores relataram sentimentos de inferiorização, de desvalorização humana e de falta de reconhecimento profissional. A percepção de tratamento desigual entre trabalhadores angolanos

Ano VII, v.1 2026 | submissão: 05/05/2026 | aceito: 08/05/2026 | publicação: 11/05/2026

e estrangeiros evidencia que as relações laborais naquele espaço não são apenas económicas, mas também atravessadas por assimetrias culturais e simbólicas de poder.

Apesar da forte precarização identificada, os resultados demonstraram igualmente a existência de pequenas formas de solidariedade e de resistência quotidiana entre os trabalhadores. A partilha de comida, de dinheiro para transporte e de apoio emocional revelou mecanismos colectivos de sobrevivência face às dificuldades impostas pelo ambiente laboral. Esses elementos aproximam-se das análises de SCOTT (1985), para quem grupos socialmente vulneráveis desenvolvem formas silenciosas de resistência quotidiana como estratégia de enfrentamento das relações de dominação. Dessa forma, os resultados da investigação permitem concluir que a Cidade da China representa um espaço profundamente contraditório no contexto angolano contemporâneo. Embora simbolize crescimento económico, expansão comercial e integração nos circuitos globais do capital, o espaço reproduz simultaneamente formas intensas de exploração laboral, vulnerabilidade social e precarização humana. O “paraíso dos negócios” revela-se, para muitos trabalhadores, um verdadeiro “inferno do trabalho”, no qual a sobrevivência quotidiana depende da aceitação permanente da insegurança, do silêncio e da instabilidade social.

Considerações Finais

A presente investigação teve como objectivo analisar a realidade dos trabalhadores da Cidade da China, em Luanda, a partir de uma abordagem sociológica, económica e antropológica. Os resultados obtidos demonstraram que aquele espaço comercial, embora simbolize crescimento económico, circulação de mercadorias e expansão dos negócios, encontra-se igualmente marcado por profundas contradições sociais e laborais. A pesquisa permitiu concluir que a dinâmica económica existente na Cidade da China não se traduz necessariamente numa melhoria das condições de vida dos trabalhadores, revelando a coexistência entre a modernização comercial e a precarização humana.

No que se refere às condições laborais, constatou-se que muitos trabalhadores enfrentam jornadas excessivas, ausência de descanso adequado, insuficiência alimentar, fragilidade contratual e inexistência de condições mínimas de segurança e de dignidade laboral. Tais elementos demonstram que o trabalho na Cidade da China ultrapassa a dimensão económica e assume características de desgaste físico, psicológico e social.

Relativamente às políticas de remuneração, a investigação concluiu que os baixos salários e os frequentes atrasos salariais constituem uma das principais fontes de sofrimento e instabilidade entre os trabalhadores. O salário revelou-se insuficiente para garantir alimentação, habitação, transporte e

Ano VII, v.1 2026 | **submissão: 05/05/2026** | **aceito: 08/05/2026** | **publicação: 11/05/2026**

apoio familiar, obrigando muitos trabalhadores a desenvolver estratégias permanentes de sobrevivência. Em vários casos, a remuneração deixou de representar estabilidade económica e passou a assumir apenas uma função imediata de sobrevivência precária. A normalização do atraso salarial e da insegurança remuneratória evidencia a fragilidade das relações laborais naquele contexto económico.

No que diz respeito às relações entre trabalhadores angolanos e empregadores chineses, os resultados demonstraram a existência de fortes assimetrias de poder marcadas pelo medo do desemprego, pela limitação da capacidade de reivindicação e por práticas de controlo laboral. Muitos trabalhadores relataram receio de reclamar das condições de trabalho por medo de despedimento imediato, revelando um ambiente caracterizado pelo silêncio, pela insegurança e pela dependência económica, para além das percepções de desigualdade no tratamento entre trabalhadores nacionais e estrangeiros, sobretudo no acesso à remuneração, à comunicação e ao reconhecimento profissional. A pesquisa permitiu igualmente identificar diferentes estratégias de sobrevivência desenvolvidas pelos trabalhadores diante das condições de precarização laboral e de insegurança social. Entre essas estratégias, destacaram-se a partilha de alimentação, a ajuda financeira entre colegas, a permanência prolongada no local de trabalho para evitar despesas de transporte e a aceitação silenciosa das condições laborais como mecanismo de preservação do emprego.

Por fim, a pesquisa concluiu que os trabalhadores da China percebem o trabalho simultaneamente como necessidade, sofrimento e única possibilidade de sobrevivência económica. Embora alguns reconheçam o espaço como uma oportunidade de rendimento, a maioria dos entrevistados associou a experiência laboral à exploração, à humilhação e à insegurança social. Nesse sentido, a Cidade da China representa uma das expressões mais visíveis das contradições do modelo económico angolano contemporâneo, no qual o crescimento comercial, o capital estrangeiro e a precarização do trabalho coexistem de forma profundamente desigual.

Desta forma, conclui-se que o “paraíso dos negócios” observado na Cidade da China assenta, em grande medida, em condições laborais marcadas pela vulnerabilidade, pela exploração e pela fragilidade da dignidade humana. A investigação demonstra que o desenvolvimento económico, quando desvinculado da protecção social e da valorização do trabalho, tende a reproduzir desigualdades e aprofundar formas contemporâneas de exclusão social no contexto angolano.

Referências

ALDEN, C. *China in Africa*. London: Zed Books, 2007.

ALVES DA ROCHA, M. J. *Economia angolana: estrutura, crescimento e desafios sociais*. Luanda: Mayamba Editora, 2023.



Ano VII, v.1 2026 | submissão: 05/05/2026 | aceite: 08/05/2026 | publicação: 11/05/2026

ALVES DA ROCHA, M. J. *Economia angolana e desafios do desenvolvimento*. Luanda: Mayamba Editora, 2024.

AMIN, S. *O desenvolvimento desigual: ensaio sobre as formações sociais do capitalismo periférico*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1977.

BOGDAN, R.; BIKLEN, S. *Investigação qualitativa em educação: uma introdução à teoria e aos métodos*. Porto: Porto Editora, 1994.

BOURDIEU, P. *O poder simbólico*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2001.

BUASSA, A. C. Bendito meu salário atrasado: um olhar crítico sobre as políticas de remuneração das empresas chinesas em Angola. *KULONGESA – TES (Tecnologia – Educação – Sustentabilidade)*, Lueji A’Nkonde, Angola, p. 1-9, 2024

CASTEL, R. *As metamorfoses da questão social: uma crónica do salário*. Petrópolis: Vozes, 1998.

COHEN, T. *Dinâmicas urbanas e sobrevivência social em Angola*. Luanda: Kilombelombe, 2023.

CORKIN, L. *Uncovering African agency: Angola’s management of China’s credit lines*. Farnham: Ashgate, 2013.

GEERTZ, C. *A interpretação das culturas*. Rio de Janeiro: LTC, 1989.

GIL, A. C. *Métodos e técnicas de pesquisa social*. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2008. HARVEY, D. *O novo imperialismo*. São Paulo: Loyola, 2005.

KAJIBANGA, V. *Trabalho, juventude e precariedade social em Angola*. Luanda: Mulemba Editora, 2023.

MARX, K. *O capital: crítica da economia política*. São Paulo: Boitempo, 2013. MBEMBE, A. *Crítica da razão negra*. Lisboa: Antígona, 2014.

MINAYO, M. C. S. *O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde*. 14. ed. São Paulo: Hucitec, 2014.

ROSADO DE CARVALHO, C. *Economia angolana: entre crescimento e desigualdade*. Luanda: UCAN Editora, 2023.

SANTOS, T. dos. *A teoria da dependência: balanço e perspectivas*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2000.

SCOTT, J. C. *Weapons of the weak: everyday forms of peasant resistance*. New Haven: Yale University Press, 1985.

STAKE, R. E. *The art of case study research*. Thousand Oaks: Sage Publications, 1995.

STANDING, G. *O precariado: a nova classe perigosa*. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2014.

WEBER, M. *Economia e sociedade: fundamentos da sociologia compreensiva*. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1999.



Ano VII, v.1 2026 | submissão: 05/05/2026 | aceito: 08/05/2026 | publicação: 11/05/2026

YIN, R. K. *Estudo de caso: planejamento e métodos*. Porto Alegre: Bookman, 2015.

Agradecimentos

Primeiramente, agradecemos a Deus pela vida, saúde, força e sabedoria concedidas ao longo desta caminhada acadêmica e científica, que tornaram possível a realização deste estudo. Expressamos igualmente os nossos sinceros agradecimentos ao Instituto Superior Universitário Nimi Ya Lukeni (INSPUNYL) pelo apoio institucional, pelo incentivo à investigação científica e pelo constante encorajamento à produção acadêmica, fundamentais para a concretização deste trabalho.

Agradecemos, de forma especial, a todos os trabalhadores da Cidade da China que aceitaram participar nesta investigação, partilhando as suas experiências, dificuldades e percepções sobre a realidade laboral vivenciada naquele espaço. A disponibilidade, a confiança e a colaboração dos participantes foram essenciais para o desenvolvimento deste estudo, cuja produção decorreu ao longo de aproximadamente seis meses de investigação e de trabalho de campo.

Por fim, estendemos os nossos agradecimentos a todas as pessoas que, directa ou indirectamente, contribuíram para a realização desta pesquisa.